



Jovens negros e ensino superior no Brasil: desvantagens no acesso e o processo de resiliência

Young blacks and higher education in Brazil: disadvantages in access and the process of resilience

Luciane Bello

Doutoranda na Faculdade de Educação/ UFRGS

Orientada por Prof^º. Dr^º. Arabela Campos Oliven. Linha de Pesquisa: Universidade: Teoria e Prática.

Resumo:

Este artigo apresenta os resultados de pesquisa de mestrado realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul que analisa o processo de resiliência em estudantes cotistas de escolas públicas autodeclarados negros com bom desempenho acadêmico. Foram entrevistados dez cotistas, entre 20 e 33 anos, em sua maioria moradores da região metropolitana de Porto Alegre, de oito cursos diferentes. Eles ingressaram em 2008 pelo sistema de reserva de vagas aprovado através da Decisão 134/2007 do Conselho Universitário/ UFRGS. Apresentamos um breve histórico da política de ações afirmativas e a importância do tencionamento de representantes do Movimento Negro, centrais sindicais, partidos políticos e da sociedade na tentativa de influenciar a formulação de políticas públicas. Reconhecemos as desvantagens que jovens negros vivem para acessar o Ensino Superior neste país e através da escuta sensível identificamos o processo de resiliência em suas trajetórias, apesar do reduzido número de modelos negros em posições de destaque na sociedade. São superações frequentes diante das dificuldades cotidianas motivando a busca de realização de seus sonhos, tornando-os mais resistentes, levando-os a se reestruturarem e crescerem em resposta às situações de crise e aos desafios. Mas as instituições ainda são desafiadas e precisam oferecer mais cursos noturnos, reformular os currículos dos cursos (incluindo as leis 10.639/03 e 11 645/08), rever materiais didáticos, laboratórios, bibliotecas, além de repensar a assistência estudantil para permanência destes cotistas na universidade.

Palavras-chave: Universidade. Cotas. Negro. Políticas Públicas. Resiliência.

Abstract:

This article presents the results of MSc research conducted at the Federal University of Rio Grande do Sul, which analyzes the resilience of self-declared black quota students from public schools with good academic performance. Ten students were interviewed between 20 and 33 years, mostly residents of the metropolitan area of Porto Alegre, from eight different courses. They joined in 2008 the system of quotas approved by Decision 134/2007 of the University Council/UFRGS. Here is a brief history of affirmative action policy and the importance of tensioning of representatives of the Black Movement, labor federations, political parties and society in an attempt to influence the formulation of public policies. We recognize the disadvantages that young blacks experience by accessing the higher education in this country and, through sensitive listening, we identify the process of resilience in their careers, despite the small number of black models in prominent positions

in society. Overruns are frequent on the daily difficulties causing the search for fulfillment of their dreams, making them more resistant, leading them to restructure and grow in response to crises and challenges. But institutions are still challenged and need to offer more evening classes, restructure the curriculum of the courses (including laws 10.639/03 and 11.645/08), review learning materials, laboratories, libraries, and student assistance to rethink the permanence of these shareholders the university.

Keywords: University. Quotas. Negro. Public Policy. Resilience.

Introdução

É importante deixar claro que somos todos brasileiros, mas de cores diferentes e se essas diferenças têm servido como critério para que profundas desigualdades sociais sejam mantidas em termos estruturais e reproduzidas em nosso cotidiano, são as desigualdades que devem ser combatidas, não as diferenças, essas só nos enriquecem.¹

A Educação Superior Brasileira vive um momento de muitas mudanças, seja na forma de ingresso como na permanência de seus estudantes. Nas universidades privadas desde 2005 existe o PROUNI² que prevê o incentivo fiscal que motiva o setor possibilitando o preenchimento das vagas ociosas com a concessão de bolsas a estudantes e o abatimento do IRPJ (Imposto de Renda Pessoa Jurídica), da CSLL (Contribuição Social sobre o Lucro Líquido), da COFINS (Contribuição para Financiamento da Seguridade Social) e do PIS/PASEP (Programa de Integração Social/ Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público). As bolsas do PROUNI são destinadas àqueles que tenham cursado todo o ensino médio em escola pública, ou em estabelecimento privado na condição de bolsista integral. Para disputar uma bolsa o candidato também precisa ter participado do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Correlatas de Intolerância ocorrida em Durban, na África do Sul, em setembro de 2001, o Brasil foi signatário de um instrumento internacional de proteção dos direitos humanos, que defendeu a adoção de medidas positivas para a população afrodescendente nas áreas de educação e trabalho. O documento propôs garantia de acesso às universidades públicas, em licitações públicas e como critério de desempate em quadro funcional das empresas concorrentes. Essas medidas de ações afirmativas têm como objetivo facilitar o acesso de negros, pobres, povos indígenas, portadores de deficiência física em universidades públicas e também no mercado de trabalho.

¹ OLIVEN, A.C. *Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil*. Educação (Porto Alegre), Porto Alegre - RS, 2007, v. 61, p. 49.

² **PROUNI:** O Programa Universidade para Todos (ProUni) criado pela Lei nº 11.096/2005, e tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e de cursos sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. O ProUni também atende pessoas com deficiência e professores da rede pública que estejam no exercício do magistério. Nesses dois últimos casos, não é necessário atender aos critérios de renda. A nota mínima no ENEM para poder se candidatar a uma bolsa é de 450 pontos na média das quatro provas objetivas que compõem o exame. A nota da redação também não pode ter sido zero. O ProUni distribui dois tipos de bolsas: as integrais, que custeiam 100% da mensalidade, e a parciais, que bancam 50% do valor mensal. Para concorrer ao benefício integral, a renda familiar per capita do aluno não pode ser superior a 1,5 salário mínimo, o que equivale atualmente a R\$ 1.017. Quem quiser disputar uma bolsa parcial deverá ter renda familiar per capita de até 3 salários mínimos, ou R\$ 2.034. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=205&Itemid=298>. Acesso em: 21 mar. 2013.

A política de ação afirmativa no Ensino Superior tem como objetivo a democratização do acesso e permanência na universidade. O jurista brasileiro Joaquim Barbosa Gomes, ministro do Supremo Tribunal Federal, define assim ações afirmativas:

[...] consistem em políticas públicas (e também privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física. Impostas ou sugeridas pelo Estado, por seus entes vinculados e até mesmo por entidades puramente privadas, elas visam a combater não somente as manifestações flagrantes de discriminação de fundo cultural, estrutural, enraizada na sociedade.³

Inúmeras universidades públicas do país já adotaram programas de ação afirmativa, principalmente através do sistema de reserva de vagas. Os beneficiados não são só afrodescendentes e indígenas, há instituições que reservam vagas para estudantes oriundos da rede pública de ensino, jovens de família de baixa renda, deficientes físicos e filhos de policiais que morreram ou foram aposentados em consequência de situações de trabalho.

O sistema de reserva de vagas ou cotas é o mais adotado, mas não é o único tipo de política afirmativa existente nas universidades. Existe ainda o sistema de pontuação adicional no concurso vestibular, isenções de taxas, criação de vagas em cursos noturnos, fortalecimento da política de assistência estudantil na tentativa de diminuir a evasão dos estudantes durante os cursos de graduação.

Em relação ao ingresso com cotas nas universidades destaco dois momentos importantes para a sociedade brasileira, protagonizados pelo Supremo Tribunal Federal (STF), o primeiro foi a audiência pública, em 2011, sobre a constitucionalidade das cotas, onde foram ouvidas as experiências de representantes de várias universidades que adotaram o sistema e da sociedade em geral. E o segundo momento ocorreu em agosto de 2012, quando a presidenta Dilma Rousseff sancionou o texto da lei que reserva metade das vagas em universidades e escolas técnicas federais a estudantes que cursaram todo o ensino médio em colégios públicos. As vagas devem prioritariamente ser preenchidas por alunos negros e indígenas, seguindo a proporção dessa população em cada Estado. Das vagas reservadas, 50% serão destinadas a alunos de escolas públicas que tenham renda per capita familiar de até um salário mínimo e meio.

Essas iniciativas mostram os novos rumos que estão sendo trilhados. As políticas de ações afirmativas no Brasil e principalmente, o sistema de reserva de vagas, têm demandado pesquisas acadêmicas e o tema ainda gera muitas dúvidas. A pesquisa apresentada foi motivada pelo trabalho de entrevistas com estudantes que solicitam benefícios na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis⁴ da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Buscou-se identificar o processo de resiliência⁵ que cotistas negros da UFRGS viveram ou vivem em suas trajetórias, ou seja, a capacidade de renascer

³ GOMES, J.B. *Ação afirmativa & princípio constitucional na igualdade: O Direito como instrumento de transformação social. A experiência dos EUA*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

⁴ Antiga Secretaria de Assistência Estudantil (SAE).

⁵ WALSH, F. *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: Roca, 2005.

fortalecido da adversidade e com mais recursos, um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta à crise e ao desafio.

O sistema de cotas na UFRGS

Não é possível pegar uma pessoa que esteve aguilhada durante anos, colocá-la na linha de largada de uma corrida, dizer-lhe que “agora você está livre para competir com todos os outros” e, ainda, assim, acreditar com justiça que está sendo completamente imparcial.

LINDON JOHNSON

Alguns argumentos utilizados por autores contrários ao sistema de cotas no Brasil foram considerados durante o estudo, mas a maioria não foi confirmada nas entrevistas. São eles: o ferimento do princípio da igualdade disposto na Constituição; a subversão do mérito acadêmico; a péssima qualidade do ensino público na educação básica; o risco de baixar o nível de qualidade acadêmica nas universidades com a entrada de estudantes despreparados; a posição contrária às cotas; a miscigenação, o impedimento da identificação de quem é negro em nosso país; poderá haver o aumento da discriminação do branco pobre após a implantação das cotas e isso poderá tornar a sociedade racista; o problema da permanência dos cotistas na universidade, e a estigmatização de que o negro “não é capaz”.

Santos⁶ nos alerta que se seguirmos a lógica do mito da democracia racial, ou seja, de que todas as raças e/ou etnias existentes no Brasil estão em pé de igualdade sócio-racial, e que tiveram as mesmas oportunidades desde o início da formação do Brasil, poderemos ser levados a pensar que as desiguais posições hierárquicas existentes entre elas devem-se a uma incapacidade inerente aos grupos raciais que estão em desvantagem, como os negros e os indígenas.

Algumas organizações que fizeram parte da história do Movimento Negro no Brasil a partir do século XX, a Imprensa Negra, a Frente Negra Brasileira, o Teatro Experimental do Negro e do Movimento Negro Unificado, fazem parte dos grupos que procuram influenciar as definições e as finalidades das políticas antirracistas. Segundo Chagas⁷, a Imprensa Negra se constituiu como um dos principais instrumentos de expressão e luta da comunidade negra, não apenas contra a discriminação racial e pelo incentivo à educação escolar dos afrodescendentes, mas também a articulação entre os editores e produtores desses veículos de comunicação foi fundamental para a fundação da Frente Negra Brasileira (FNB), em 1931. O autor coloca também que os afrodescendentes, por meio da educação formal, poderiam se apropriar de instrumentos que serviriam na luta para acabar com a hegemonia dos grupos responsáveis por perpetuar a desigualdade racial no Brasil e possibilitar a mobilidade.

⁶ SANTOS, S. A. dos. *Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005.

⁷ CHAGAS, W.S. Do contexto da influência ao contexto da prática: caminhos percorridos para a implementação da Lei nº 10.639/03 nas escolas municipais de Esteio-RS. Porto Alegre: UNISINOS, 2010, p. 35. Dissertação de Mestrado.

Em 2006 o Movimento Negro Unificado (MNU), União de Negros pela Igualdade (UNEGRO), Instituto de Assessoria a Comunidades Remanescentes de Quilombo (IACOREQ), Afrosul/ Odomodê, Maria Mulher, ENJUNE-RS, Levante Popular da Juventude, Lideranças Guarani e Kaingang, e ainda, representantes das centrais sindicais, dos partidos políticos e demais representantes da sociedade tensionaram o Estado com a finalidade de influenciar a formulação das políticas de ação afirmativa.

A dificuldade de mobilidade social, uma das características herdadas da escravidão, tem como consequência a presença, mesmo que velada, do racismo e de seus derivados, que são o preconceito racial e a discriminação racial. Segundo Munanga e Gomes⁸, para os movimentos sociais negros, como o MNU, o conceito de raça tem um “sentido social e político, que diz respeito à história da população negra no Brasil e à complexa relação entre raça, racismo, preconceito e discriminação racial”.

A relação entre o passado, o presente e o futuro visam a corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por fim a concretização do ideal de efetiva igualdade e a construção de uma sociedade mais democrática para as gerações futuras. Por isso, está no horizonte de qualquer ação afirmativa a remoção de barreiras interpostas aos grupos discriminados, sejam elas explícitas ou camufladas, e a prevenção da ocorrência da discriminação⁹.

Na UFRGS o processo de discussão sobre a necessidade de implantação de cotas contou com a articulação do Grupo de Trabalho de Ações Afirmativas (GTAA) com outros grupos e programas, tais como: Educação Anti-Racista no Cotidiano Escolar e Acadêmico, Conexões de Saberes: Diálogos entre a Universidade e as Comunidades Populares. Foram realizados além de seminários na Universidade, oficinas sobre ações afirmativas e cotas étnico-raciais e sociais em escolas, cursinhos populares e centros acadêmicos.

Em 2006 foi criada na UFRGS a Comissão Especial de Ações Afirmativas, através da Portaria nº 3222, composta por representantes do CEPE e do CONSUN, que apresentou inicialmente a proposta de reserva de 20% das vagas para estudantes negros e 20% para egressos de ensino público e vagas extras para estudantes indígenas. A duração do programa seria de dez anos e já previa a criação da Comissão de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas. Mas, a proposta aprovada pelo Conselho Universitário sobre a implantação do sistema de reserva de vagas é distinta, tanto nos percentuais de reserva quanto no tempo de duração do sistema.

Em 2007 a UFRGS prevê a criação de cotas sociais (estudantes oriundos escola pública), raciais (estudantes oriundos de escola pública autodeclarados negros) e vagas específicas para indígenas, a partir de 2008 até 2012, com previsão de avaliação do processo. Com vagas assim distribuídas: 10 novas vagas a cada ano para candidatas indígenas, e no mínimo, 30% (trinta por

⁸ MUNANGA, K.; GOMES, N. L. *Para entender o negro no Brasil de hoje: História, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global Editora, 2006. p. 175.

⁹ MUNANGA, K.; GOMES, N. L. 2006, p. 186-187.

cento) das vagas existentes para candidatos egressos do ensino público, sendo que no mínimo a metade, ou seja, 15% (quinze por cento), garantidas aos estudantes autodeclarados negros.

As trajetórias de cotistas negros na UFRGS

Para conhecer um pouco mais sobre a implantação do sistema de reserva de vagas na UFRGS, realizamos uma pesquisa com dez estudantes autodeclarados negros, entre 20 e 33 anos, identificados com nomes de origem africana¹⁰, em sua maioria moradora da Região Metropolitana de Porto Alegre, de oito cursos diferentes: Ciências Contábeis, Direito, Engenharia Civil, Letras, Geografia, Biologia Marinha, Educação Física e Medicina Veterinária.

Foram entrevistados estudantes do sexo masculino e feminino, com bom desempenho acadêmico¹¹ em bibliotecas e outros espaços no Campus Centro, Campus do Vale e ESEF¹², previamente agendados. Foi utilizado um roteiro semiestruturado para conhecer as trajetórias de vida destes cotistas através das perguntas: Quais são as lembranças da trajetória escolar e familiar? Que obstáculos enfrentaram para chegar à universidade? Qual ou quais as motivações para ingressar na universidade pública e ter um bom desempenho acadêmico? Quais as expectativas para o futuro?

Durante as entrevistas, através da escuta sensível¹³ conhecemos a autodescrição e origem social dos estudantes que podemos resumir como estudiosos, dedicados, reconhecidos da importância da família, principalmente da figura materna, enquanto motivadora para superar os obstáculos. O incentivo que vem da família aparece tanto durante o Ensino Médio quanto após a conclusão, seja através da motivação para voltar a estudar, fazer as escolhas dos cursos ou pagar as mensalidades de cursinhos pré-vestibulares, taxas de inscrição para o concurso vestibular. Ainda que os pais tenham baixa escolaridade, são os maiores incentivadores. Esses estudantes se basearam em modelos de professores, familiares distantes ou mesmo pessoas que admiravam, mas não tinham grau de parentesco, somente uma entrevistada tem os pais com nível superior completo.

Minha mãe é a favor (do estudo), ela sempre diz que quem não tem estudo não tem nada. Principalmente se a gente for negro. Muitos lugares preferem contratar um branco só com Ensino Fundamental do que um negro com faculdade. Quanto maior o nosso nível de estudo, maior nossa oportunidade de um emprego com maior remuneração. Também para mostrar que negro não serve só para fazer faxina. (Chenzira)

¹⁰ Hamza (forte); Dafina (valiosa, pedra preciosa); Haidar (forte, robusto); Mayimuna (expressiva); Mandisa (doce); Moyo (vida, bem-estar, boa saúde); Lasana (poeta); Asantewaa (mulher guerreira); Chenzira (garota ativa) e Naila (que tem sucesso).

¹¹ Entende-se por bom desempenho acadêmico aquele em que o estudante obtiver a sua Taxa de Integralização Média (TIM) igual ou superior a 50% da Taxa de Integralização Média (TIM) do respectivo Curso. O cálculo da TIM do Estudante se dá por meio da soma do número de créditos aprovados no curso (obrigatórios e eletivos) dividido pelo número de matrículas realizadas. A Taxa de Integralização Média (TIM) do Curso é obtida pela soma do número de créditos total do curso dividido pelo número total de semestres. Esse critério foi estabelecido na Resolução nº 27/2003 do CEPE/ UFRGS.

¹² Escola Superior de Educação Física (ESEF).

¹³ Escuta sensível começa por não interpretar, por suspender todo julgamento. Ela procura compreender, por “empatia”, o sentido que existe em uma prática ou situação. Escuta sensível aceita surpreender-se pelo desconhecido que, incessantemente, anima a vida. (BARBIER, 2002)

Sete dos entrevistados fizeram cursinho pré-vestibular e foi lá que a maioria ficou sabendo um pouco como funciona a universidade pública e o sistema de reserva de vagas. Naila relata sua experiência:

Eu não queria ficar trabalhando. Trabalha, trabalha e não tem nada. Eu fiquei sabendo do cursinho. **Passei na primeira vez, pensei que não ia passar.** Fiquei sabendo no cursinho, ah! [...] estudar na UFRGS. Nunca não, nunca pensava [...] Eu achei que não ia passar. Fui procurar na lista o nome dos meus amigos, não achei de nenhum, achei o meu, que loucura!

Passar no vestibular era visto como um grande desafio para a maioria dos entrevistados. Mayimuna relata o momento em que conversa com sua mãe sobre seus planos. Ela conseguiu passar na primeira tentativa para sua surpresa.

Mãe, mas eu tô querendo tentar UFRGS, aí eu faço um cursinho e tento vestibular, quantas vezes for. Meu irmão mesmo tentou [...] dez vezes, mais. Bom, eu não vou passar no primeiro. Tinha que ter uma visão do mundo. Não sabia de nada, não sabia nem estrutura, não sabia nada. **Meu mundo era fechado naquele bairro.**

A realidade desses estudantes tem muito em comum, um exemplo é a descrição do lugar onde moram. Normalmente são bairros pobres, com violência que os impedia de brincar na rua quando crianças, local com muito lixo, cachorros, música alta, em alguns casos sendo identificado pelo entrevistado como “parecendo uma favela”. Possuem dificuldades de acesso a transporte ou demandam grande tempo de deslocamento por serem bairros afastados ou situados na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Com a discussão sobre cotas na universidade houve uma maior preocupação da sociedade em geral com o desempenho de estudantes cotistas, com o alto índice de reprovação entre os calouros. Mas as dificuldades, a necessidade de tempo para adaptação às exigências de um curso de graduação e ao ritmo da universidade já existia, antes mesmo da implantação do sistema de reserva de vagas. Pesquisa realizada na UnB aponta que a evasão de não cotistas é maior (16%) do que a de cotistas (9%), e Velloso aponta que estes dados não surpreendem porque: “os cotistas aprovados constituem uma elite social em seu segmento, ainda que uma segunda elite quando comparada à dos não-negros universitários”.¹⁴

Quando questionadas sobre preconceito na Universidade, Mandisa e Mayimuna contam sobre o colega de curso que criou situações de conflito, mas amenizam quando se referem a ele como um excluído, com “quadro de transtorno”. Somente Naila coloca abertamente que sente que seus colegas de curso ficam satisfeitos quando ela não passa em alguma disciplina.

Segundo Gomes¹⁵, enquanto o *racismo* e o *preconceito* encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a *discriminação* é a adoção de práticas que os efetivam. Mas preconceito e discriminação não equivalem necessariamente a ódio racial. Sendo assim: “O preconceito racial trata do conceito ou opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação

¹⁴ VELOSO, J. In Marques, F. Ação afirmativa em debate. *Revista FAPESP*, n. 146, abril 2008.

¹⁵ GOMES, 2005, p.55.

entre pessoas e grupos humanos e a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro”.¹⁶

Nas entrevistas com estudantes que solicitam os benefícios oferecidos pela PRAE/UFRGS, nos defrontamos com situações de famílias com pais separados ou desconhecidos, dificuldades de relacionamentos, problemas de saúde física e mental no estudante ou familiares, dificuldades no mercado de trabalho, violência doméstica, entre outros. Esses estudantes vislumbram a oportunidade de mudar de vida através de um curso superior, por isso se dedicam aos estudos, às pesquisas, realizam estágios e intercâmbios, sonham com um mercado de trabalho que irá permitir a ascensão social deles e de seus familiares. Naila comenta o que a sua mãe espera dela.

Ela espera que eu me forme, **seja uma grande doutora**. O sonho dela é que eu faça plantão no Mundo Animal. Ela passa na frente e diz um dia a minha filha vai fazer plantão aí. Ela quer que eu me forme, e seja uma pessoa que realize todos meus sonhos, que tenha tudo o que eu quero ter, é isso que ela deseja.

Virando a página: o processo de resiliência

A resiliência não consiste em, apagar a página, mas sim virá-la.¹⁷

Nas trajetórias dos entrevistados descobrimos superações frequentes, com perdas familiares, necessidade precoce de se afastarem dos pais para garantir melhores oportunidades de estudo, vivências de preconceito, dificuldades econômicas e limitações de acesso ao capital cultural mais valorizado pela universidade. Mas esses fatores não os impediram de tentar realizar seus sonhos. Que relação é esta de que quanto maior o obstáculo, maior é a motivação para ultrapassá-lo? Podemos identificá-la como um processo de resiliência, um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta à crise e ao desafio. Tal capacidade revela-se em depoimentos como o do estudante Hamza:

Porque **a UFRGS abre muitas portas**, eu acho que eu posso ir mais longe do que eu ‘tô agora, é a questão de ir atrás, botar a cara e ir atrás, arriscar e é o que eu pretendo.

Apesar dos dados acima sabemos que os obstáculos ainda existem porque a bagagem que estes estudantes trazem da escola e seu meio é insuficiente para acompanhar com tranquilidade as exigências de uma Universidade de “excelência”. Há necessidade de algumas adaptações na forma de ingresso, nos currículos, na formação de professores e infraestrutura da instituição.

Esse processo lembra quando Santos¹⁸ se refere à corrente fria que é a consciência dos obstáculos e corrente quente que é a vontade de ultrapassá-los. Percebemos a necessidade de termos

¹⁶ MUNANGA, K.; GOMES, N. L., 2006, p. 182.

¹⁷ BOUVIER, P. Abus sexuels et résilience. In: POILPOT, M.-P. (Org.). *Souffrir et se Construire*. Ramonville: Editions Érès. 1999. p. 154.

as duas. Corrente fria é necessária para que não nos enganemos e a quente, para não desistirmos facilmente. Podemos relacionar esse movimento com a capacidade que os estudantes cotistas têm de superar as dificuldades, se esforçarem e também da necessidade das instituições se reestruturarem para dar conta das novas demandas e desafios, reformulando os currículos dos cursos (incluindo as leis 10.639/03 e 11.645/08), revendo materiais didáticos, laboratórios, bibliotecas, além de repensar a assistência estudantil para permanência destes cotistas na universidade.

Chama atenção a vontade que estes estudantes negros egressos do ensino público, que ingressaram na UFRGS por meio do sistema de reserva de vagas, têm de vencer as dificuldades. Estão dispostos a agarrar a possibilidade com todas as forças para atingir o objetivo de concluir os cursos e ter uma vida melhor, com mais oportunidades. Aparece com frequência a importância dos recursos familiares e pessoais propulsores nas suas trajetórias de vida, por isso a resiliência é abordada como processual, pela qual cada pessoa de acordo com a fase da vida, ou seja, na infância, na adolescência, na fase adulta e de idoso, poderá ter uma postura diferenciada diante dos desafios no trabalho, estudo, relações sociais, e ser influenciada pelo ambiente, pela família, ou por características pessoais. Hamza comenta sobre sua situação familiar, relevando as dificuldades:

Na verdade não, se eu for comparar com meus amigos, tenho amigos hoje que são donos de empresa, que abriram um negócio pequeno, uma empresa, tenho amigo médico, que a mãe tem loja no shopping. Meu círculo de amigos são de uma classe maior, mais alta, então se eu comparar minha posição com meus amigos, eles estão melhor, mas em nenhum momento chegou a falar coisa em casa, **não tem tudo, não tem isto, mas tem aquilo que compensa.** (Hamza)

Sobre alguns aspectos a serem considerados nos estudos sobre resiliência, Yunes (2003) alerta que a mesma não está no fato de pessoas evitarem experiências de risco e apresentarem características saudáveis ou terem boas experiências; fatores de risco podem operar de diferentes maneiras em diferentes períodos de desenvolvimento; é necessário focar nos mecanismos de risco e não fatores de risco, pois o que é risco numa determinada situação pode ser proteção em outra. A mesma situação de vida pode ser experienciada por um indivíduo como perigo, enquanto outro a percebe como um grande desafio.

Lasana entrou na UFRGS pelo ingresso extravestibular para bacharelado em Letras, e mesmo depois de ter feito um novo vestibular para licenciatura pelo sistema de cotas e ter ingressado como cotista, seus colegas não o consideravam como tal. Esperavam que ele, como estudante da UFRGS anterior ao sistema de cotas, fosse contrário a elas. Lasana comenta: “*Não vão querer dizer que eu tenho alma branca*”. E os colegas explicavam: “*Ah, mas tu é exceção*”; “*Não é isso, mas tu já era daqui*”.

As pessoas que não me conheciam, elas tinha a impressão de que eu era contra. Eu sendo negro acharia que isso seria uma humilhação, facilitando a entrada, um racismo ao contrário. Eles achavam que esse discurso era meu. Eu dizia que não é um racismo ao contrário, não é uma facilitação, não é menosprezar a inteligência de ninguém. Eu vinha com todo discurso que o vestibular não prova a inteligência de ninguém, é só um

¹⁸ SANTOS, Boaventura S. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. p. 58.

amontoado de informação que tem que decorar e acertar a letra certa, vestibular nada mais é do que isso. (Lasana)

Lima¹⁹ aponta que as dificuldades dos negros para conquistarem posições de maior prestígio social e poder político ainda são muito grandes, eles acabam concentrando-se em atividades manuais porque exigem pouca qualificação e escolaridade formal. Os entrevistados ao falarem sobre os familiares, o capital cultural e as oportunidades de trabalho deixam esta situação bem clara, como relata Chenzira.

Todo mundo não é bem sucedido, não tem nenhum rico na minha família. Mas todo mundo trabalha. Alguns trabalham em empresas e fábricas. Minha tia trabalha na Vonpar, Coca-Cola, chefe de cozinha. Meu tio trabalha na Ultragás, (tenho) até um tio brigadiano. **Todo mundo é trabalhador. Faculdade, diploma não tem ninguém.** Minha prima é enfermeira, mas ela não fez faculdade, fez o técnico.

Ainda assim, a percepção sobre os obstáculos se dá de forma diferenciada pelos cotistas, eles não dão ênfase às próprias dificuldades vivenciadas até a chegada à Universidade, nem mesmo depois que já estão dentro dela, mas sim às oportunidades que tiveram e têm aproveitado. Eles sabem como é difícil conciliar estudos e trabalho em uma universidade pública, não se esquecem das defasagens trazidas ao longo da trajetória escolar, como leituras e conteúdos que servem de base para acompanhar os cursos, e ainda do pequeno capital cultural que possuem em relação aos demais colegas.

O primeiro ano de universidade eu passei a maioria dos finais de semana **em casa lendo tudo aquilo que eu achava que tinha perdido.** Minha mãe achava que eu tava doente: “Esse guri não sai, não faz nada, fica só neste quarto trancado.”(Lasana)

Eu aproveitei as oportunidades que eles me deram. Minha vida não é difícil, eu só aproveito o que eu tenho, aproveitei as cotas, o que vier aí pela frente eu vou aproveitar. Eu quero valorizar as oportunidades que meus pais me deram. (Dafina)

Alguns estudantes se referem ao “mundo cor-de-rosa” ou “nuvem de sonhos de algodão-doce” que os colegas parecem viver, pois na sala de aula há um faz-de-conta com discussões sobre problemas da sociedade, mas nada muda efetivamente. Relatam que com esforço, determinação e oportunidades, todos podem ser bons alunos e obter sucesso, mas fazem a ressalva: “dentro do que é possível”. Mandisa relata:

Uma conhecida nossa trabalhava num alto cargo, ela era negra e era chefe, ela tinha muita dificuldade porque as pessoas não respeitavam ela. Eles (pais) sempre me dizem, tem que estudar. **Como nós somos negros, já tem um ponto a menos, preconceito.**

A possibilidade de maior acesso da população negra, indígena e pobre ao ensino superior poderá viabilizar a ocupação de cargos e funções de chefia, com salários melhores. A política de

¹⁹ LIMA, M. O quadro atual das desigualdades. In: HASENBALG, C.; SILVA, N. V.; LIMA, M. (Orgs.). *Cor e Estratificação Social*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999. p. 231-240.

ações afirmativas através do sistema de reserva de vagas pode contribuir na concretização de sonhos de ascensão, tanto dos estudantes universitários como de seus familiares, tornando nossa sociedade mais democrática que respeite efetivamente as diferenças.

Muitos entrevistados desconheciam o funcionamento da Universidade, além do sistema de cotas, da página da UFRGS, da Pró-reitoria de Graduação e dos benefícios oferecidos pela Pró-reitoria de Assuntos Estudantis. Falta informação sobre os procedimentos e benefícios atualmente disponíveis, e os entrevistados se referem à falta de tempo para organizar, obter os documentos e agendar entrevistas com assistentes sociais. É o caso de Mandisa que conta sobre sua experiência na UFRGS e no Programa Conexões.

Eu pensava em investir. Cheguei aqui e vou até o fim. Uma coisa que eu notei que no início do curso eu tinha muita dificuldade, outros colegas também. Eu não sabia que tinha os benefícios, até relacionado ao meu curso foi um certo descaso dos veteranos. Não só eu, mas outros colegas de outros cursos. Divulgar, explicar como funciona, até a Universidade, tem gente que não sabe do portal do aluno, das matrículas. Muita informação, da bolsa do Conexões, nas escolas, muita gente não sabe nem **que a UFRGS existe, em escolas que eram perto da Universidade**, sabem que tem aqueles prédios, mas não sabem se é público ou privado. A maioria era cotista, a gente conversava muito, das dificuldades. Agora tem as passagens... auxílio-material é uma boa pra nós.

O Programa Conexões de Saberes do MEC²⁰, foi citado por alguns entrevistados como um importante programa que lhes apresentou a Universidade e o sistema de cotas, viabilizando a discussão e formação política de estudantes, principalmente de origem popular, possibilitando o retorno à sociedade, compartilhando e trocando conhecimentos, o que nos remete a Santos²¹, quando define a ecologia de saberes enquanto promotora de diálogos entre saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, indígenas, africanos, orientais, marginalizados e desqualificados pelo conhecimento não científico.

Considerações finais

Ao escutar as trajetórias dos entrevistados percebemos que antes de ingressarem na Universidade desconheciam o sistema de cotas ou eram contra elas, por falta de informação, pela opinião contrária de professores ou familiares, pela falta de exemplos de pessoas próximas que estivessem na Universidade. Isso pode ser consequência de vivermos hoje uma naturalização da branquidade, da crença de uma superioridade branca que faz parte de uma identidade racial, porque a raça é inteiramente construída, social e historicamente, como uma ideologia, de um modo que não ocorre com a classe²². Portanto, em nosso contexto atual ainda percebemos que as oportunidades para uma pessoa branca são diferentes das que se apresentam para uma pessoa negra porque as raças existem, de modo pleno no mundo social²³.

²⁰ Na UFRGS funcionou na Pró-Reitoria de Extensão entre 2005 e 2011, quando foi extinto pelo Governo Federal.

²¹ SANTOS, B. S. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2004.

²² ROEDIGER, In: BOWEN, William G.; BOK, Derek. *O Curso do Rio: Um estudo sobre ação afirmativa no acesso à universidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 47.

²³ GUIMARÃES, A S. A. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 1000. 238 p.

A contribuição dos negros em nosso país, muitas vezes não foi e não é valorizada. Culturalmente, Fry²⁴ aponta que a feijoada não foi o único item de assimilação pelo povo brasileiro, cita também o samba e o candomblé. Porém a feijoada, criada na Senzala, sofreu um processo de transformação para ocupar este lugar de destaque em nosso país, diferentemente dos EUA em que ela é vista como um símbolo de negritude, aqui ela é um símbolo nacional. O samba que o povo do morro produzia, consumia e muitas vezes era reprimido pela polícia obrigava as pessoas a se esconderem no candomblé, ligeiramente mais aceitável, mas muito reprimido pela elite.

Bourdieu coloca que aqueles que têm mais recurso atraem mais recursos, nas entrevistas com cotistas negros, percebi a importância dos recursos familiares e pessoais propulsores. Identifiquei, portanto, o processo de resiliência nas trajetórias de vida desses estudantes entrevistados com superações frequentes, motivando a busca pela realização dos sonhos. Eles se tornam resistentes, buscam se reestruturar e crescer em resposta às situações de crise e aos desafios do cotidiano.

Em algumas situações existe a referência ao cansaço, a não querer continuar os estudos após a conclusão do Ensino Médio, como colocou Moyo, mas sempre os pais de alguma maneira incentivaram e fizeram com que ele não parasse de estudar. Alguns trabalharam por algum tempo e só depois voltaram a estudar, fazendo cursinho preparatório e ingressando na universidade, como foi o caso de Lasana e Naila.

Naila, Moyo, Mandisa se referem ao momento do ingresso na Universidade como inacreditável. Lasana chega a se referir a sua experiência como “uma forma enviesada de entrar na universidade”, porque são muitos os desafios enfrentados para o acesso ao curso e instituição desejados. A conquista de uma vaga em uma universidade pública é muito valorizada pelos estudantes e por seus familiares; há, entretanto, os que não se consideram vencedores enquanto não se diplomarem, como foi o caso de Moyo, que pediu a faixa de comemoração somente após a formatura.

A família quis fazer a faixa, deixa para fazer a faixa quando eu me formar. A dificuldade maior vai ser terminar o curso. Não acho (agora), mas é que eu preferi assim, vai ser mais um tijolo que eu coloquei na escada da vida, porque foi mais uma conquista. A minha irmã preferiu a faixa agora, quando ela soube que foi aprovada. (Moyo)

Ao ingressarem na Universidade confirmam a dificuldade para conciliar estudos e trabalho, sem esquecer das defasagens trazidas ao longo da trajetória escolar, como leituras e conteúdos que servem de base aos cursos, além da pouca bagagem cultural. O fato de colegas brancos, de dentro ou fora da Universidade, parecerem estar em uma situação socioeconômica melhor do que os estudantes entrevistados não desperta questionamentos ou estranhamentos, como relata Hamza. São situações vistas como normais, ou seja, é o que sempre acontece. O preconceito é, normalmente, relevado em suas trajetórias de vida e amenizado quando contam sobre a experiência na UFRGS.

²⁴ FRY, P. Feijoada e “Soul Food”: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. In: *Para inglês ver*. São Paulo, Zahar, 1982.

Conhecer e pensar sobre os desafios enfrentados por esses estudantes entrevistados possibilitou momentos importantes de reflexão, porque acredito que a política de ações afirmativas através do sistema de reserva de vagas pode contribuir na concretização de sonhos de ascensão, tanto dos estudantes universitários como de seus familiares, e dessa forma ter uma sociedade mais democrática que respeite as diferenças.

O exercício de reconhecimento da diversidade e a busca da diminuição das desigualdades vão além do sistema de reserva de vagas, continua sendo necessária a reestruturação e a qualificação do sistema de ensino público no país em curto prazo. As cotas dão a possibilidade de representação necessária de minorias nas universidades e também no mercado de trabalho. Nas universidades estão sendo discutidas questões que acabarão sendo levadas para as escolas de ensino fundamental e médio, como não acontecia anteriormente. Os novos profissionais estão sendo formados com novas perspectivas por conta deste novo contexto de problematização de racismo, discriminação, cotas e isto é muito importante.

Os estudantes entrevistados, em sua maioria, desconhecem o funcionamento da Universidade, da página da UFRGS, Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e dos benefícios oferecidos pela PRAE. Além da falta de informação dos procedimentos e benefícios atualmente disponíveis, se referem à falta de tempo para organizar, obter os documentos e agendar entrevistas com assistente social. O *Conexões de Saberes* foi citado por alguns entrevistados como um importante programa que apresentou-lhes a Universidade e o sistema de cotas.

Os cotistas entrevistados desejam, em sua maioria, continuar estudando após a formatura, dar retorno à sociedade como professores e também ter acesso a bens e estilos de vida diferentes do que têm hoje. Alguns cotistas pensam em continuar os estudos com pós-graduação, intercâmbio e mobilidades em geral, aqui no Brasil e até em outros países, pois são possibilidades que parecem estar mais próximas, motivando-os.

Esses estudantes buscam a mediação, como referem Dafina, Hamza, Naila e Asantewaa, porque se as coisas não acontecem como o esperado, ou ainda, se não têm aquilo que precisam, vão em busca de alternativas; se em algum momento não encontram apoio em pessoas que deveriam apoiar, sempre aparecem outras, como tios, professores e namorados, que os motivam e acreditam em seus sonhos. Mas normalmente, os pais dos entrevistados são presentes e, principalmente as mães, grandes incentivadoras.

A partir das questões surgidas nas entrevistas, abre-se a possibilidade de repensar o atendimento aos estudantes na Universidade, na PRAE, assim como os critérios de acesso aos benefícios concedidos, pois é preciso produzir conhecimento não só para conhecer a realidade, mas também para transformá-la. Nós que vivemos a Universidade temos o compromisso de repensar, rever nossas posições e ações a fim de proporcionar um avanço da prática profissional.

DuBois e Franklin²⁵ apontam que o problema do século XXI será o problema da linha divisória da cor porque não foi solucionado no século XX. Parece-nos que os limites espaciais estão menores, com oferta de bolsas para mestrados, doutorados e pós-doutorados em outros países, para capacitação de docentes e técnicos das universidades. Espero que com uma melhor formação, jovens negros possam ter acesso às novas oportunidades, inclusive no mercado de trabalho. Como será a absorção dos estudantes cotistas diante das atuais necessidades do mercado? Será feita distinção entre cotistas e não cotistas? A questão racial será um limitador nas possibilidades de acesso como tem sido até hoje?

Referências

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

BOUVIER, P. Abus sexuels et résilience. In: POILPOT, M.-P. (Org.). *Souffrir et se Construire*. Ramonville: Editions Érès, 1999. p. 125-161.

CHAGAS, W.S. *Do contexto da influência ao contexto da prática: caminhos percorridos para a implementação da Lei nº 10.639/03 nas escolas municipais de Esteio-RS*. Porto Alegre: UNISINOS, 2010. Dissertação de Mestrado.

DUBOIS e FRANKLIN. In: BOWEN, William G.; BOK, Derek. *O Curso do Rio: Um estudo sobre ação afirmativa no acesso à universidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HENRIQUES, Ricardo. É preciso tratar desigualmente os desiguais. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 abr. 2002. Entrevista feita por Helena Celestino e Maiá Meneses. Site O Globo. Acesso em: 24 jul. 2002.

LIMA, M. O quadro atual das desigualdades. In: HASENBALG, C.; SILVA, N. V.; LIMA, M. (Orgs.). *Cor e Estratificação Social*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999, p. 231-240.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. *Para entender o negro no Brasil de hoje: História, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global Editora, 2006.

OLIVEN, A.C. *Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil*. Educação (Porto Alegre), Porto Alegre - RS, v. 61, p. 29-51, 2007.

ROEDIGER, D.R. BOWEN, William G.; BOK, Derek. *O Curso do Rio: Um estudo sobre ação afirmativa no acesso à universidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, S. A. dos. *Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005.

²⁵ DuBois e Franklin. In: BOWEN, William G.; BOK, Derek. *O Curso do Rio: Um estudo sobre ação afirmativa no acesso à universidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, B. S. *Introdução*: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SILVA, A.N. da. *Famílias especiais: resiliência e deficiência mental*. PUC/RS - Porto Alegre, 2007. 105 f. Dissertação de Mestrado.

WALSH, F. *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: Roca, 2005.

VELOSO, J. In Marques, F. Ação afirmativa em debate. *Revista FAPESP*, abril 2008, edição impressa 146.

YUNES, M.A.M. *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. 2003. Disponível em: <<http://www.msmedia.com/ceprua/artigos/rescap2.pdf>>.